

"FIQUE CALADO, E VOCÊ TALVEZ SOBREVIVERÁ. - EV."



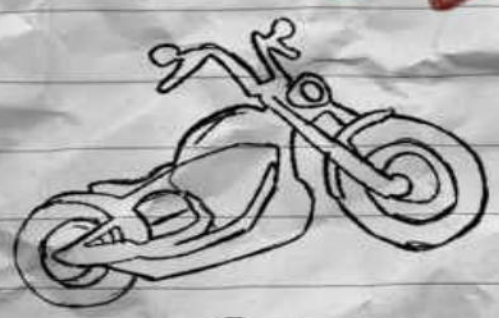
GAROTOS

MORTOS



NÃO CONTAM

SEGREDOS



Mark Miller



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



GAROTOS  
MORTOS  
NÃO CONTAM  
SEGREDOS

## FRONTEIRAVERSO

ALÉM DA FRONTEIRA – VOLUME 1

ALÉM DA ESCURIDÃO – VOLUME 2

ALÉM DA TEMPESTADE – VOLUME 2.5

ALÉM DAS CHAMAS – VOLUME 3

ALÉM DAS CINZAS – VOLUME 3.5

ALÉM DO ALVORECER [CONTO]

ALÉM DO CREPÚSCULO [CONTO]



## EASTVERSO

GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM SEGREDOS – VOLUME

1

~

**GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM MENTIRAS – VOLUME**

**2**

**-**

**AQUELE GAROTO – VOLUME 1**

GAROTOS  
MORTOS  
NÃO CONTAM  
SEGREDOS

Mark Miller

## **GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM SEGREDOS**

Copyright © 2021 Mark Miller.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem a permissão escrita do autor, exceto em casos de pequenas citações usadas em resenhas ou artigos críticos.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações, eventos e incidentes são, ou parte da imaginação do autor, ou usados de maneira ficcional. Quaisquer semelhanças com indivíduos reais, vivos ou mortos, eventos ou lugares são inteiramente coincidentes.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Leitura Crítica: **Brendon Idzi Duhring**

Revisão: **Brendon Idzi Duhring, Nathally Coltro**

Diagramação: **Bruno Louvres, Mark Miller**

Capa e Ilustrações: **Senara Sousa**

Ilustração de Personagens © **Arda Artworks**

Emblema de Eastview © **C. M. P. Vargas**

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Primeira edição, 2021.



Para aqueles que tiveram um Ensino Médio infernal e conseguiram sobreviver. Se esse livro  
prova alguma coisa... *é que nem todos conseguem ;)*

# SUMÁRIO

[SOBRE EASTVIEW](#)

[PLAYLIST](#)

[AVISO DE GATILHO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM MENTIRAS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

*Orgulhosamente,  
um livro do*

# **EAST VERSO**



# Sobre **EASTVIEW**

**EASTVIEW** é um colégio particular de Ensino Médio fundado em 1903 pelo benfeitor puritano Carlos Wolmer, localizado em Eastview, São Paulo.

Está na vanguarda da pesquisa acadêmica e intelectual. Aqueles que se aventuram aqui - para aprender, pesquisar, ensinar, trabalhar e crescer - se juntam a mais de um século de tradição e estudantes que buscam pela verdade, conhecimento e pela construção de um mundo melhor.

Como a maior instituição de renome do Brasil, **EASTVIEW** estará sempre focada em criar oportunidades educacionais para os jovens que representam o futuro da nação - e do mundo.

# ☠️ PLAYLIST ☠️

**ESSE LIVRO POSSUI** uma playlist cuidadosamente organizada para complementar a experiência de leitura. Acesse-a através do código abaixo (abra a barra de busca do spotify, clique sobre o ícone da câmera e o escaneie), ou busque pelas palavras-chave “Garotos Mortos Não Contam Segredos – Playlist Oficial” no serviço de streaming.



# **A V I S O D E G A T I L H O**

**ESSA SÉRIE POSSUI  
CONTEÚDO SENSÍVEL  
QUANTO A HOMOFOBIA,  
SUICÍDIO, VIOLÊNCIA  
CONTRA MENORES,  
ABUSO DE PODER,  
LINGUAGEM IMPRÓPRIA  
E CONTEÚDO SEXUAL.**

*Prossiga com cuidado,  
e lembre-se sempre de se cuidar ♥*

"Ele disse  
que eu pertencia  
a um cemitério.

Ele disse que  
eu podia fugir,  
mas não

chegaria longe"

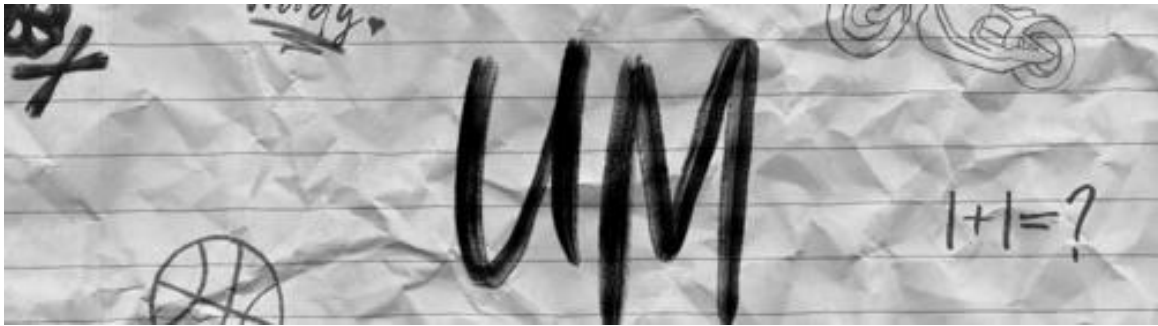
- Churchyard (AURORA)

"Dois garotos  
podem guardar  
um segredo...  
se um deles  
está morto"

- Alexis Luna







## Presente

**N**ÃO CONSIGO DORMIR ESTA NOITE. Deito na cama, mas não durmo. Encaro o teto azulado do quarto por horas sem fim, mas não durmo. Viro de um lado para o outro. Levanto. Olho para a vista noturna através da janela fenestrada. A alguns quilômetros daqui, está o Colégio Eastview para Jovens de Elite. A alguns quilômetros daqui, está o cadáver de um dos meus colegas de sala.

Volto para a cama. Me sento. Pego meu celular pela milionésima vez, ligo para Matty pela enésima. A linha toca, toca, toca. Ninguém atende — mais uma vez.

Me jogo na cama. Volto a olhar para o teto, me lembrando da cena macabra que presenciei. Aperto os olhos tentando me esquecer, mas não consigo. A imagem estará presa em minha mente para sempre, como chiclete na sola de um sapato.

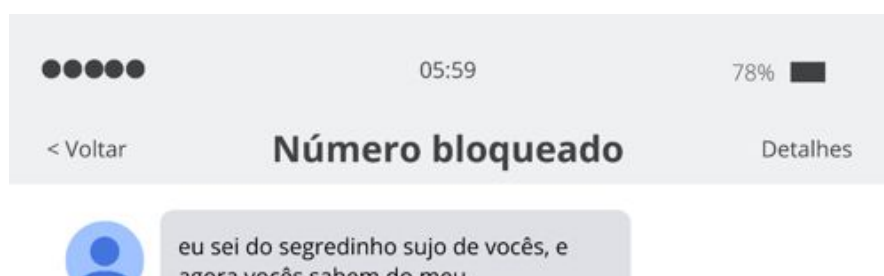
Fico assim por mais algumas horas. O céu passa de anil a azul escuro, de azul escuro a laranja. Os primeiros raios de sol se erguem no horizonte. Apanho meu celular outra vez, mas não para ligar pra Matty. Abro a caixa de mensagens, e no topo está a que eu tanto queria que tivesse desaparecido. Revê-la faz meu coração palpitar. Pulo da cama e

me aproximo da janela outra vez. Olho as duas esquinas da rua, me certificando de que a figura encapuzada não me seguiu.

Respiro fundo uma, duas, três vezes.

Vejo alguns vizinhos caminhando pelas calçadas, passeando com animais de estimação, fazendo seus exercícios matinais. Isso me dá uma sensação de segurança, de normalidade.

Volto à cama. Apanho o celular. Clico na mensagem outra vez. Releio a primeira linha.



E não consigo ler o resto.

Começo a hiperventilar. Corro para o banheiro.

De lá, ouço sons no andar de baixo. Devem ser apenas Laura e Edgar acordando. Não tenho motivos para me preocupar. Estou na minha casa. Estou seguro. Inspiro fundo. Estou seguro. Inspiro fundo. Estou —

O celular vibra sobre a cama.

Fico paralisado. Até notar que é o alarme das 6h.

Aperto as laterais de mármore da pia com as mãos e me inclino sobre ela. Vomito pela décima vez desde que voltei para casa. Levo um, talvez dois minutos até me recuperar. Limpo a boca com o antebraço. Observo meu reflexo acabado no espelho. As manchas escuras e vermelhas ao redor e sob meus olhos são assustadoras, retiradas direto de um filme de terror. Vou ter algum trabalho para sair daqui de forma

apresentável, para não levantar suspeitas para os dois adultos que me esperam lá embaixo de que fiquei a noite inteira acordado e chorando.

Como eu ficaria calado diante de Edgar? E se ele fizesse perguntas demais? Como eu mentiria para um maldito policial investigativo?

*Merda. Merda. Merda. Merda.*

Para Matty era fácil. Ele só precisava voltar pra casa e dizer que esteve comendo uma garota qualquer naquela noite. Tenho certeza de que seu pai lhe daria um tapinha nas costas e ainda diria “esse é o meu garoto!”. Já eu tinha que voltar pra casa e encarar um possível questionário dos meus pais adotivos, ligados diretamente à polícia do bairro.

Tudo era muito fácil pra Mateus Armani. Jogador de basquete. Popular entre as garotas. Admirado pelos garotos. Todo mundo queria ser como ele. Ou foder com ele. Talvez a coisa mais difícil em sua vida fosse eu. Babaca.

Abro a torneira da pia e lavo meu rosto com água gelada. Isso me desperta, me dou conta de que tenho o pior dia da minha vida pela frente na escola. Talvez as aulas sejam canceladas; talvez não.

As pessoas deste bairro são sociopatas.

Escovo os dentes. Tomo banho. Tento afastar a expressão de medo e derrota que parece pintada em meu rosto como uma máscara. Saio do banheiro com a toalha enrolada na cintura. Abro meu closet. Não penso muito, apanho o primeiro uniforme de Eastview que vejo pela frente. O tecido anil parece frio e sem vida. Ótimo.

Retiro a toalha. Visto o uniforme. Aperto bem a gravata em frente ao espelho do closet. Estou mais apresentável, talvez consiga passar por meus pais adotivos sem chamar muita atenção.

Mas, por dentro, ainda me sinto como se tivesse acabado de ser atropelado por um caminhão. Não tem chance alguma de que eu consiga aguentar este dia sem uma cápsula de cafeína.

Apanho minha mochila e a abro sobre a cama. Jogo o notebook pra cá, os cadernos pra lá. Alcanço o pequeno recipiente de plástico branco onde guardo minhas cápsulas. Abro uma. Aspiro. Abro outra. Aspiro. Abro uma terceira. Penso um pouco, talvez já seja suficiente. Talvez não.

Aspiro.

Guardo o recipiente no fundo da mochila. Me olho no espelho outra vez. Por um segundo, a imagem de Alexis sendo asfixiado retorna à minha mente. Fico sobressaltado e viro em direção à janela, fugindo da minha própria imagem.

O celular vibra outra vez sobre a cama. 6h15.

Suspiro. Sinto meu coração acelerar por conta da cafeína. Apanho a mochila e o celular. Engulo em seco. Antes de deixar o quarto, leio a mensagem completa do assassino novamente. Um calafrio passa pela minha espinha quando relembro tudo.



10 horas atrás

**M**ATTHEUS DESPENCOU SOBRE MIM SUAVEMENTE, seu peito suado colando-se ao meu, subindo e descendo no mesmo ritmo. Nossa respiração estava em sincronia; nossos olhos, fechados. Seus dedos passearam pelos fios escuros do meu cabelo por um breve momento antes de ele virar para o outro lado.

Deitamos de bruços no chão gelado da quadra de basquete, escondidos atrás da fileira mais alta de bancos da arquibancada. Inspiramos fundo, recuperando nossos fôlegos.

Abri os olhos. Fitei o teto alto e cheio de veias de metal da quadra.

— Como foi? — ele perguntou depois de alguns minutos.

Virei o rosto para encará-lo.

— Incrível.

Matty me lançou um sorrisinho cínico e me deu um último selinho. Levantou do chão e colocou de volta as roupas que haviam ficado espalhadas ao nosso redor. Fechou o zíper da calça e, em seguida, sentou no chão para vestir as meias e calçar os tênis esportivos. O peito continuou desnudo. Observei os músculos de suas costas até sentir o

desconforto nas minhas por deitar naquele chão duro e pouco ergonômico.

— A gente devia arranjar um lugar mais confortável — comentei casualmente. Como eu havia esperado, Matt fechou o rosto e vestiu a camiseta número 10 do time de basquete de maneira abrupta. Apertei os lábios. Vesti minhas próprias roupas. Depois de passar a camiseta do clube de xadrez sobre os ombros, comentei: — Na academia tem aqueles colchonetes de treino. Talvez pudéssemos trazer um pra cá.

— Já te disse, Tommy — rebateu imediatamente e se levantou do chão. Escondeu as mãos nos bolsos, sentou em um banco da fileira mais próxima e analisou a quadra vazia com uma expressão taciturna irritante. — Muito arriscado.

Também levantei do chão, logo sentei ao seu lado.

— Por quê? — perguntei em um tom elevado, estava inconformado. Ele inspirou fundo e me lançou um olhar repreensivo. — Não tem ninguém na porra da escola, Matt. — Sua expressão não se desfez. Levantei do banco e gritei em direção à quadra: — *Olá! Tem alguém aí?*

Ele me puxou por um dos braços e me fez sentar no banco outra vez.

— Para com isso!

— Para de ser um covarde!

Ele esfregou o rosto com as mãos, levantou do banco e caminhou de um lado para o outro na minha frente. Por fim, descansou as mãos na nuca e murmurou:

— Você é impossível. Talvez a gente devesse só acabar com isso de uma vez por todas.

Estreitei os olhos. Entreabri os lábios, mas não tinha nada a responder. Era incrível como ele só se importava consigo mesmo naquela relação. Às vezes, era como se eu não existisse.

E, honestamente... talvez *eu* já estivesse cansado de tudo isso.

Deixei a arquibancada para trás e caminhei para longe de Matty, bufando. Tentava me convencer de que as lágrimas em meus olhos eram de raiva. Quando coloquei a mão sobre a maçaneta da porta da quadra, o ouvi gritar atrás de mim, mas estava irritado e frustrado demais para parar.

— Tommy! Tommy, espera, porra! Eu não quis...

Matt começou a correr atrás de mim. Precisei apressar meus próprios passos para sair daquele colégio sem que ele conseguisse me alcançar. Mas, de qualquer forma, ele o conseguiu em um dos corredores do primeiro andar. Cruzei os braços diante do peito, minha mandíbula retesada, meu sangue fervendo. Como eu podia ser tão estúpido? Como podia me submeter a uma relação como aquela? Era melhor ficar sozinho do que continuar naquela porra de armário com ele.

— Tommy! Tommy, me escuta! — ele me puxou por um dos braços novamente.

Me desvencilhei de seu toque e segui andando. Meus tênis idiotas faziam um som agudo e irritante quando eu andava rápido daquele jeito, ainda mais no linóleo polido dos corredores. Matt ficou para trás. Cruzei um novo corredor e parei.

Eu tinha dezesseis anos. Ele também. Apesar disso, estávamos agindo como crianças de dez. Fechei os olhos e me apoiei contra a parede mais próxima, onde ficava o mural com avisos impressos. Esperei até ele me alcançar novamente.



— Não quis dizer aquilo, tudo bem? — continuou com o tom exasperado.

Encarei o vidro da porta da sala dos professores à minha frente. Estava silenciosa e escura, bem como a escola inteira. Ninguém costumava ficar em Eastview depois das 19h, e já eram mais de 20h. Essa era a razão pela qual só podíamos ficar juntos naquele momento do dia — o momento em que não havia ninguém por perto para nos ver.

— É claro que quis — rebati. Tentei não soar tão magoado, mas não consegui. Matt se aproximou com um pouco mais de cuidado. Escondi as mãos nos bolsos da minha jaqueta grossa e cinza de moletom. — É isso que você quer, não é? — Finalmente o encarei. — Terminar tudo? — Ele ficou em silêncio. Espalmei as mãos em seu peito e o empurrei para trás. — Só diz logo e pronto!

Ele me olhou assustado, quase contemplativo. Algo passava por sua mente, mas eu não sabia o quê. Seus lábios se abriram, mas logo se fecharam. Suas mãos se aproximaram, e então se afastaram.

— Eu... — balbuciou depois de um tempo. — Eu... — Inspirei fundo. Era melhor que ele arrancasse o band-aid logo, que acabasse com aquilo de uma vez por todas. — Eu te amo.

*Oh, merda.*

Meus braços penderam inertes ao lado do corpo. Meu cenho se franziu, e fui consumido por uma desconfiança vertiginosa.

— O quê?

— Eu te amo, seu idiota — insistiu em um tom sóbrio e firme. Se aproximou, os olhos castanhos me fitando profundamente. — Eu te amo, e quero ficar com você. — Tocou as laterais do meu rosto com as mãos, os polegares acariciaram minhas bochechas. Tive uma sensação estranha no estômago, meus pés ficaram mais leves. Não sentia nada que não

fosse seus dedos me tocando. Matt fez uma pausa antes de prosseguir em um tom triste: — Mas não posso. Não ainda. — Cerrei os olhos. Umedeci os lábios. — E você sabe disso. — Acenei sutilmente com a cabeça. Toquei as mãos dele no meu rosto, apertando seus dedos. — Então, me desculpa, tá bom? Às vezes, falo umas merdas que não quero dizer de verdade.

Abri os olhos outra vez. Ele ainda me encarava daquela forma contemplativa. Não havia qualquer dúvida em sua voz.

Talvez eu não devesse desculpá-lo. Não importava o que ele sentia por mim, ou o que eu sentia por ele. Aquela relação era dolorosa. Ter que fingir que eu não estava perdidamente apaixonado por ele durante o dia para então ter alguns poucos minutos com ele de noite era torturante. Não era bom pra mim. Não era bom pra ele.

Mas era a única coisa que tínhamos por agora. Então sussurrei contra seu rosto:

— Tudo bem...

E ele assentiu de volta, da forma como sempre fazia quando tínhamos aquela mesma discussão. Sempre começava do mesmo jeito. Sempre terminava do mesmo jeito.

— Vem aqui.

Ele me puxou contra seu peito. Seus quinze centímetros a mais de altura faziam minha cabeça encaixar perfeitamente no ponto entre seu pescoço e seu peito. Envolvi suas costas com os braços; ele fez o mesmo, e apoiou o queixo sobre minha cabeça.

Depois de alguns segundos daquela forma, rodeados por armários azulados e portas para salas de aula naquele corredor longo e envolto em penumbra, me afastei de seu peito e o encarei.

— Agora você pode me abraçar, então?

Ele riu baixinho e me deu um beijo na testa.

— Pode calar a boca e só aproveitar?

Eu podia, e o fiz.

Ele envolveu meus ombros com um dos braços e caminhamos pelo corredor. Seguimos em direção ao primeiro andar, e então iríamos para a saída do colégio e para a moto de Matty no estacionamento. Eu subiria na garupa e ele me levaria de volta pra casa. Como sempre. Como toda noite.

Calados, o único som na escola inteira era o estampido de nossos passos. Vez ou outra, eu virava para encará-lo de relance. Tínhamos algum futuro além do Ensino Médio? Ou seríamos apenas uma relação efêmera que esqueceríamos assim que entrássemos na universidade?

Amor bastava para manter uma relação como essa?

Eu não sabia, mas sentia que—

Algo foi derrubado em uma sala próxima, no corredor logo à frente. *Merda.*

Matt retirou o braço dos meus ombros.

— O que foi isso? — Encarei sua expressão de completo assombro. O barulho se repetiu, dessa vez mais alto. — Matty? — sussurrei.

Ele parecia tão perdido quanto eu. Talvez fosse apenas um animal que havia invadido a escola ou algo do tipo. Não era possível que ainda houvesse alguém ali. Não naquele horário, certo? Não havia seguranças em Eastview. Quase ninguém naquele bairro saía para fora de casa quando a noite chegava.

A respiração de Matt começou a ficar mais pesada. Ele deu alguns passos à frente, em direção ao corredor de onde os sons vieram.

Era a primeira sala à direita, 009, o laboratório de biologia. Segui Matt com um pouco de hesitação.

Como todas as salas de aula em Eastview, a parede junto do corredor tinha enormes janelas de vidro. Sobre nossas cabeças, as luzes das lâmpadas embutidas ao teto do corredor estavam quiescentes. Havia penumbra demais — *particularmente* naquele corredor.

Engoli em seco. Toquei no braço de Matt e o fiz se voltar para mim.

— O que você tá fazendo? — sussurrei quase sem voz. Ele deu de ombros, curiosidade mórbida estampada em seu rosto. Eu também estava curioso, mas algo em minhas entranhas me dizia que era melhor darmos o fora dali imediatamente. Mas como diria isso a ele sem parecer um idiota?

Outro barulho veio da sala, mais vivo e agudo. Definitivamente havia alguém ali. Puxei a manga de Matt novamente, mas ele se virou em direção à janela escura da sala. Logo depois, se inclinou em direção a ela, tentando ver que merda estava acontecendo lá dentro. Olhei para os dois lados do corredor, que subitamente havia adquirido um tom macabro. Inspirei fundo e dei alguns passos à frente até estar ao lado de Matt. Estreitei os olhos para ver o interior da sala.

Estava completamente imersa em escuridão. Consegui identificar as silhuetas de algumas cadeiras, os cabos de eletricidade no chão, a lousa digital gigantesca.

Estreitei os olhos um pouco mais.

Foi quando ouvi outro impacto. E mais um. E mais um. Havia alguém se debatendo lá dentro, cadeiras sendo empurradas, mesas derrubadas. Me concentrei um pouco mais e consegui ouvir alguns grunhidos.

*Droga. Droga. Droga.* Tínhamos que sair dali naquele instante.

Quando meus olhos finalmente se ajustaram à escuridão da sala, e as silhuetas se tornaram mais nítidas; meus pés ficaram paralisados no lugar. Entreabri os lábios, era como se meu coração parasse por um segundo. Não era apenas uma pessoa, mas duas. Uma delas encapuzada, vestindo um sobretudo longo e preto que a fazia parecer uma sombra em meio à escuridão. A outra...

*Merda.*

A outra era Alexis Luna, o presidente do clube de xadrez.

Dei um passo para trás.

Ele estava sendo estrangulado contra o chão. Seus olhos estavam fechados, mas as mãos agarravam os pulsos do agressor. Os lábios abertos deixavam grunhidos baixos escaparem.

Quando Matt também deu um passo para trás, o rosto pálido, os olhos arregalados e as pupilas dilatadas, percebi que eu não estava louco, que ele via o mesmo que eu. Alternava o olhar entre ele e o crime que era cometido no interior da sala. Tínhamos que ajudá-lo, não tínhamos?

A figura encapuzada parecia alta e forte, no entanto, e eu não sabia se era um adulto ou um adolescente. De qualquer jeito, não sabia se ele tinha ou não uma arma escondida em algum lugar. As mãos cobertas por luvas grossas demonstravam que aquele crime havia sido premeditado.

*Merda.*

Puxei o braço de Matt outra vez. Não havia nada que podíamos fazer naquele instante. Precisávamos sair dali e chamar a polícia o mais rápido o possível. Ele me fitou com os olhos assombrados, mas não se mexeu. Tive que incitá-lo a me seguir com um olhar desesperado em

retorno. Ele o fez por alguns passos, mas então parou abruptamente e retirou o celular de um dos bolsos da calça.

Fiquei confuso, até que ele abriu a câmera e a direcionou para dentro da sala escura através da janela. *Está muito escuro, seu idiota*, pensei em dizer, mas ele foi rápido demais. Em um segundo, retirou o celular do bolso; no outro, o apontou na direção do vidro; no terceiro, clicou sobre o ícone da câmera e registrou o assassinato de um dos nossos colegas de sala.

Só percebeu que a câmera estava com o flash ligado quando era tarde demais.

Meu coração parou.

A figura encapuzada se voltou em nossa direção, nos fitando através da janela.

*Porra!*

*Porra, porra, porra, porra.*

Notei cada músculo no corpo de Matt ficar tenso. Minha mente se desligou por um milésimo de segundo, pelo menos até o assassino largar o corpo sem vida de Alexis no chão e correr em direção à porta, e então para o corredor. Foi como ser acordado bruscamente de um transe.

— Porra, corre! — Matt gritou. Em seguida, me puxou pelo braço antes que eu pudesse processar qualquer coisa. — *Corre!*

Corremos na direção oposta à saída da escola. No meio do caminho, olhei para trás. A figura encapuzada — com a face coberta por um capuz e o corpo por um sobretudo — nos seguia velozmente. Quando retirou uma arma da parte de trás da calça, me desesperei ainda mais.

Corri ainda mais rápido. Matt era muito mais ágil do que eu; em vários pontos, precisou parar e me puxar pelo braço. Depois de um ou

dois minutos nesse ritmo, fiquei exausto. Corremos sem direção pelos corredores longos e serpenteantes do colégio. As luzes piscavam, me deixando desorientado. Fiquei sem ar. Precisei largar a mão de Matt e me apoiar na parede mais próxima. Era uma parede de armários.

— Tommy? Tommy? — Matt se aproximou e tocou meus ombros. — Tommy, não podemos parar...

— Eu não consigo... — tentei falar, mas era como se minha garganta estivesse selada. Ou eu respirava, ou falava.

Via o desespero no rosto de Matt, mas não conseguia fazer nada. Tentei mover meus pés conscientemente, mas pareciam feitos de chumbo. Enquanto isso, os passos do assassino se aproximavam no corredor ao lado.

*Porra.*

Matt olhou para os dois lados do corredor. Pela sua expressão, pareceu ter uma ideia. Abriu o armário mais próximo de mim que não estava trancado. Era alto e espaçoso, como todos os outros, o suficiente para caber uma pessoa. Olhei para a porta de metal aberta.

— Se esconde — ele disse, e indicou o armário com os olhos.

Franzi o cenho.

— O quê? — consegui dizer.

Ele começou a correr na direção oposta àquela pela qual o assassino se aproximava.

— *Se esconde, merda!* — gritou antes de desaparecer.

De um instante para o outro, eu estava sozinho no corredor. Talvez Matt quisesse distrair a figura e afastá-la de mim. Ele podia pelo menos se comunicar melhor.

Entreí no armário e fechei a porta no exato segundo em que o assassino entrou no corredor com passos apressados. Engoli em seco,

mas permaneci em silêncio — ou tentei permanecer. Cobri a boca com as mãos e prendi a respiração. Meu coração estava acelerado, no entanto, conseguia ouvir o som do sangue fluindo pelas veias mais próximas ao meu ouvido.

A ansiedade e medo pareciam me consumir.

Por algum motivo, a figura encapuzada diminuiu o ritmo ao entrar no corredor. Ele não tinha como saber que eu estava ali, certo? Não poderia. Mas então por que não estava seguindo Matt?

*Oh, porra.*

Ele passou na frente do armário lentamente, quase como se pudesse me farejar. Havia dezenas de armários naquela parede, e mais centenas espalhadas pelo colégio. Ele não poderia abrir um por um. Não poderia.

Com os passos lentos, a figura encapuzada se afastou na direção que Matt havia seguido. Pelas frestas do armário, notei que seu rosto estava completamente coberto pelas sombras do capuz e pela lapela erguida do sobretudo; não havia sequer um centímetro exposto de sua pele. Por conta disso, não conseguia deduzir sua idade, cor, gênero ou qualquer outra coisa.

*Merda.*

Fechei os olhos. Tentei me acalmar. Estava seguro. Estava seguro. Estava seguro. Só tinha que prender a respiração por mais alguns segundos e então poderia sair dali. Não havia nada naquele armário que pudesse denunciar que eu estava ali. Simplesmente não havia.

A não ser...

A não ser...

Abri os olhos. Olhei para cima. Havia o desenho de um tabuleiro de xadrez no topo. Aquele armário não estava destrancado, tinha sido



arrombado.

Era o armário de Alexis Luna.

A porta foi aberta bruscamente e fui banhado pela escassa iluminação do corredor. A figura encapuzada estava na minha frente, e apontou a arma na direção do meu peito. *Ainda* não conseguia ver seu rosto. *Ainda* não sabia quem podia ser.

Meu coração parou. Eu iria morrer.

O dedo coberto pela luva grossa de couro se aproximou do gatilho. Me recostei sobre a parte de trás do armário.

Eu iria morrer.

— Quem é você? — consegui dizer sobre o pânico que me dominava, mas não tive resposta alguma.

O dedo afundou sobre o gatilho, mas não morri. Ao invés disso, algo atingiu a cabeça do assassino por trás, fazendo-o cair de joelhos. O revólver deixou sua mão antes que o dedo se afundasse totalmente no gatilho e caiu perdido no chão.

Logo atrás dele estava Matty, com um extintor de incêndio. Ele o largou no chão e me puxou para fora do armário rapidamente.

— Vem, *vem agora!*

Corremos para longe do corredor. Antes de cruzá-lo em outra direção, dei uma última olhada de relance para a figura encapuzada.

Será que a matamos?

Será que a matamos?

*Será que a matamos?*

Matt me puxou para fora de Eastview.



**MATT DIRIGIA TÃO RÁPIDO** que quase fomos atropelados três vezes no caminho para longe de Eastview. Eu olhava para trás o tempo todo com medo de que o assassino estivesse à sombra de uma esquina qualquer com a arma apontada para nós. Mas não estava.

Talvez o tivéssemos matado.

Matty conduzia a moto sem uma direção certa. Ainda estava chocado demais, assim como eu. Acabamos parando sobre uma das pontes que conectavam Eastview ao resto de São Paulo. Um canal circundava o bairro, e os únicos pontos de acesso a ele eram pontes como essa — o que era útil caso você quisesse controlar a entrada e saída de visitantes indesejados.

Assim que Matt desligou a engrenagem, desci do banco de trás em um pulo. Destravei o capacete e o retirei da cabeça; Matt fez o mesmo. Me apoiei na balaustrada da ponte e observei as águas escuras do canal fluírem sob a estrutura.

— Porra, o que foi isso? — Matt vociferou. Logo depois, se aproximou de mim com o olhar mais solícito que já havia visto nele.

Pensei um pouco no que responder: minha mente parecia um papel branco amassado e sanguinolento.

— Eu não sei — falei. Ele esfregou a testa e se apoiou de costas na balaustrada da ponte. Meu coração ainda estava acelerado. Subitamente, algo me atingiu. — Nós temos que voltar.

— O quê?

— Temos que voltar e ajudar Alexis, Matt! — gritei, mesmo que não quisesse voltar. Gesticulei na direção de Eastview com as mãos. Cada fibra do meu corpo estava exasperada. — Ele ainda pode estar vivo! Não podemos, não podemos deixá-lo...

— Enlouqueceu? — esbravejou com os olhos arregalados. — Vivo? Alexis tá morto, Tommy, *morto!* — Eu dava um passo para trás a cada palavra enfurecida que ele gritava. — Se voltarmos lá, serão três cadáveres que encontrarão de manhã, não um.

Passei os dedos pelos fios escuros do meu cabelo. Olhei em volta outra vez, com medo de que a figura encapuzada pulasse sobre minhas costas e me derrubasse da ponte. Estava entrando em um colapso nervoso.

— Oh, porra! *Porra, porra...*

Matty me segurou pelos ombros e fez nossos olhares se encontrarem.

— Escuta, vai ficar tudo bem — falou, assentindo freneticamente. Tentou soar firme, mas pareceu assustado.

Mordi o lábio inferior.

— Ele nos viu, Matt. Sabe que estávamos lá.

Ele deixou de assentir e soltou meus ombros; logo deu alguns passos para trás, o olhar baixo e perdido.

— Isso quer dizer que... — murmurou.

— Ele pode estar vindo atrás de nós. — Vasculhei nosso entorno outra vez.

— Talvez ele saiba que estávamos juntos — disse, cortando minha linha de pensamento com a sua própria.

Me dei conta lentamente da merda que ele queria dizer com aquilo.

— Tá falando sério? — perguntei assombrado. Senti meu medo se transformar em fúria. Fitei seu rosto. — Um cara acabou de ser morto na nossa escola e tudo com o que você se preocupa é sua reputação de

merda? — Ele ergueu os olhos em direção aos meus, franziu o cenho como se eu falasse o óbvio. — O que tem de errado com você?

Espalmei seu peito outra vez e o empurrei para trás com força. Matt se segurou na balaustrada da ponte para não cair no chão. Apertou os lábios, mas não revidou. Sabia que estava errado, que o que havia dito beirava à sociopatia.

Esfreguei minha nuca e olhei para as correntes calmas do canal.

— Liga pra polícia — ele balbuciou depois de algum tempo.

— O quê?

— Liga pra polícia e denuncia o assassinato. Talvez eles consigam capturá-lo se ainda estiver por perto.

Pisquei rapidamente várias vezes. Ele estava certo, precisávamos fazer isso. Nossos nervos estavam aflorados, ambos estávamos em desespero. Talvez eu tivesse me apressado demais no julgamento de Matt.

— Tá certo...

Retirei o celular do bolso e desbloqueei a tela. Então vi o primeiro ícone que havia aparecido.

— Oh, merda.

O mundo parou por um instante. Fiquei completamente sem reação. O aparelho caiu da minha mão e se espatifou no chão. Matt franziu o cenho e se agachou para pegá-lo; não demorou a ver o ícone que havia me feito ficar daquele jeito.

— *Merda...*

Me encarou com o rosto e os lábios pálidos outra vez, lágrimas de pavor nos olhos. Eu sentia como se fosse vomitar. Me inclinei sobre a balaustrada em direção ao canal lá embaixo. Vomitei.

Apertei os olhos. Era um pesadelo. Só podia ser um pesadelo.

Mas quando os abri, ainda estava ali. Não estava sonhando, aquilo estava mesmo acontecendo. Engoli em seco, meu esôfago queimava. Me voltei em direção a Matt outra vez. Seus olhos estavam presos na tela do celular, lia a maldita mensagem.

Quando terminou, me devolveu o aparelho. Foi a minha vez. Meus dedos tremiam.



Vomitei de novo. Matt pegou o celular da minha mão e releu a mensagem. Quando consegui me recuperar, murmurei:

— Como ele tem o meu número?

Peguei meu celular de volta.

Matt socou a balaustrada da ponte. Com certeza doeu, mas ele não fez uma careta sequer.

— Ele sabe quem somos, sabe de *tudo!* — Socou o concreto novamente; um grunhido de frustração deixou sua garganta. Observei calado. Não sabia que merda dizer, ainda estava em choque. Ele se voltou para mim: — Você contou sobre nós pra alguém? — Franzi o cenho. — Tommy?

— Não! Não, eu nunca... nunca faria isso.

Neguei com a cabeça, mas tirei um segundo para ponderar sobre aquilo. Fazia sete meses desde que fui adotado por Edgar e Laura, dois desde que o semestre começou.

Eu tinha falado com alguém?

Não. Sequer *havia* alguém com quem falar. Matty era meu único amigo — ao menos eu tentava me convencer de que sim.

— *Merda!* — ele disse, e se apoiou na lateral da ponte. Os músculos de seu antebraço se flexionaram.

Olhei para a tela do meu celular, para aquela maldita mensagem aberta. Bloqueei o número estranho que a havia enviado. Considerei jogar o celular no canal, mas como explicaria isso a Edgar e Laura? Além disso, eu já deveria estar em casa.

— O que vamos fazer? — perguntei para Matt. Ele não respondeu. — Ainda podemos ligar pra polícia —

— Se a polícia aparecer lá agora — ele me interrompeu bruscamente —, ele vai saber que fomos nós que ligamos.

Apanhei minha mochila e joguei o celular lá dentro, não queria mais ter que lidar com aquela mensagem. Quando voltei o olhar para Matt, me senti completamente perdido em frustração.

— Isso não importa, Matty — insisti. — E daí que você é gay? Aquele time idiota pode enfiar o preconceito deles no cu. Estamos lidando com a vida de uma pessoa aqui. — Ele cerrou os dentes e mirou ao canal. Parei por alguns segundos, tentei me acalmar. — Além do mais, talvez tivessem mais pessoas na escola que—

— Não, Tommy — me interrompeu outra vez —, não podemos contar pra ninguém.

Fiquei pasmo. Pasma e decepcionado. Quem era aquele cara com quem eu dormia? O quão longe ele estava disposto a ir para encobrir nossa relação?

— Você realmente vai fazer isso, Matt?

— Ninguém pode sonhar que gosto de garotos, *ninguém*. — Arregalou os olhos, parecia assustado. — É o fim da linha pra mim. Não vou ser mais um jogador de basquete qualquer, vou ser o jogador de basquete *gay*. Vou perder qualquer oportunidade que já sonhei em ter.

Movi minha mandíbula de um lado para o outro. Me apoiei na ponte como ele havia feito antes.

— Você não pode ter certeza disso — tentei rebater.

A expressão dele se fechou. Se aproximou rapidamente de mim e apontou o indicador para o meu peito.

— Você não conhece o time como eu. Não conhece o treinador Fleet como eu. Não conhece... desviou o olhar para o chão — meu pai... — Voltou então a me fitar. — E, principalmente... — inspira fundo — você não está exposto à escola do mesmo jeito que eu.

Me sentia preso. Preso e sem saída. Queria ser um babaca insensível como ele, queria poder ser egoísta e colocar o que queria sobre os desejos de qualquer outro, mas não podia. Eu o amava. Eu o amava tanto que não podia fazer aquilo com ele.

— Ninguém pode saber disso, Tommy. — Tocou as laterais do meu rosto. — Por favor.

— Matt... — murmurei.

Mas nosso breve momento de reconciliação se dissolveu assim que ele se deu conta de que estamos em público. Se afastou como se eu tivesse tentado golpeá-lo ou algo assim. Aquilo me magoou. Fiquei em silêncio, debatendo internamente sobre que merda devia fazer.

— O que você acha que vai acontecer com sua bolsa se estiver envolvido em um escândalo como esse?

Aquilo me pegou de surpresa.

— O quê?

Matt umedeceu os lábios e arqueou as sobrancelhas.

— A única coisa que importa para o diretor Wolmer é a reputação de Eastview, Tom. — Suspirou. — E ele não tem exatamente a fama de ser misericordioso quando se trata disso.

Fiquei ainda mais sem chão.

— Acha que posso perder minha bolsa?

Ele ponderou sobre a pergunta.

— Acho que ambos temos muito a perder.

Retirei meus óculos do rosto e esfreguei os olhos. Meus joelhos fraquejaram, não me esforcei para contê-los. Me arrastei lentamente pela balaustrada da ponte, de costas, até sentar no chão. Meus olhos estavam fixos nas engrenagens da moto de Matt, perdidos.

— Que porra devemos fazer então?

— Nada.

— Nada?

Ele se agachou até ficar na altura do meu olhar.



— Voltamos pra casa, ficamos calados até a manhã — sussurrou.  
— Talvez tudo esteja normal até lá. Talvez não. De qualquer forma... — seu olhar mergulhou no meu outra vez —, não podemos contar nada a ninguém.

Encostei a cabeça na lateral da ponte. Uma ideia me veio à mente.

— Se falássemos disso pra Edgar...

— Tommy... — repreendeu.

— Se falássemos com Edgar — continuei —, ele poderia nos proteger desse assassino, tenho certeza disso.

Matt apertou os lábios e olhou para os dois lados da ponte.

— E o que Edgar faria sobre nossa saída do armário? — disse. Nunca senti tanta vontade de socá-lo quanto naquele momento. Me levantei às pressas do chão, irado. Ele fez o mesmo. Virei de costas. — Por favor, Tommy. Se você sente qualquer coisa por mim, fique calado. *Especialmente* próximo de Edgar. — Aquilo era demais. Era oficialmente demais. Estava chegando próximo do meu ponto limite. — Você vai ficar calado? — Bati os pés no chão, inspirando e expirando de forma rápida e profunda. — Fala comigo, merda! — elevou o tom de voz.

— Eu vou! Tudo bem? — Me virei em sua direção, possesso. Não conseguia me controlar, não conseguia filtrar o que saía da minha boca. — Eu vou esconder a *porra* do seu segredo e a *porra* do garoto morto na nossa escola! Está feliz agora? — disse tudo em sequência; no final, estava ofegante. Cruzei os braços diante do peito.

Ele olhou ao redor mais uma vez e se aproximou.

— Obrigado... — sussurrou.

Não consegui sequer fitá-lo por muito tempo. Me sentia sujo e indesejado. Mas então um momento específico daquela noite me atingiu como um disparo. Perdi o ar por alguns segundos.

— O que foi? — ele perguntou diante do meu semblante ansioso. Entreabri os lábios.

— Se não fosse por você... — comecei em um murmuro. Me lembrei do cano da arma apontado para o meu peito. — Se não fosse por você, ele teria me matado. No armário.

E, por alguma razão — por estresse, medo, preocupação, pavor ou ansiedade — aquela noção me fez entrar em colapso. As lágrimas começaram a descer dos meus olhos antes que percebesse. Algo doía no meu coração, mas não sabia o que. Precisava urgentemente voltar para casa, me trancar no quarto e tentar esquecer daquela noite de merda.

Matt me tomou nos braços pela primeira vez desde que fugimos e eu afundei meu rosto em seu peito. Que se foda se alguém estivesse olhando. Que se foda esse maldito bairro e essa escola homofóbica.

— Tudo bem, tudo bem — ele murmurou contra o meu cabelo. Não me largou. — Vai ficar tudo bem, Tommy.

Seu uniforme ficou úmido com as minhas lágrimas. Quando por fim secaram, quando por fim coloquei para fora tudo o que tinha guardado ali, nos afastamos.

— Se jogarmos os joguinhos dele — ele disse enquanto me fitava —, talvez nos deixe em paz.

— Tem certeza? — meus lábios tremeram.

Um silêncio tenso se ergueu entre nós até ele responder:

— Não.

Fechei os olhos e assenti. Minha mente voou até o corpo de Alexis no laboratório de biologia, até a figura encapuzada que talvez

ainda rondasse os corredores da escola naquele momento. Quando os abri, Matt estendeu o capacete do passageiro em minha direção, e eu o apanhei. Ele também colocou o dele.

— Vem, vou te levar de volta pra casa.



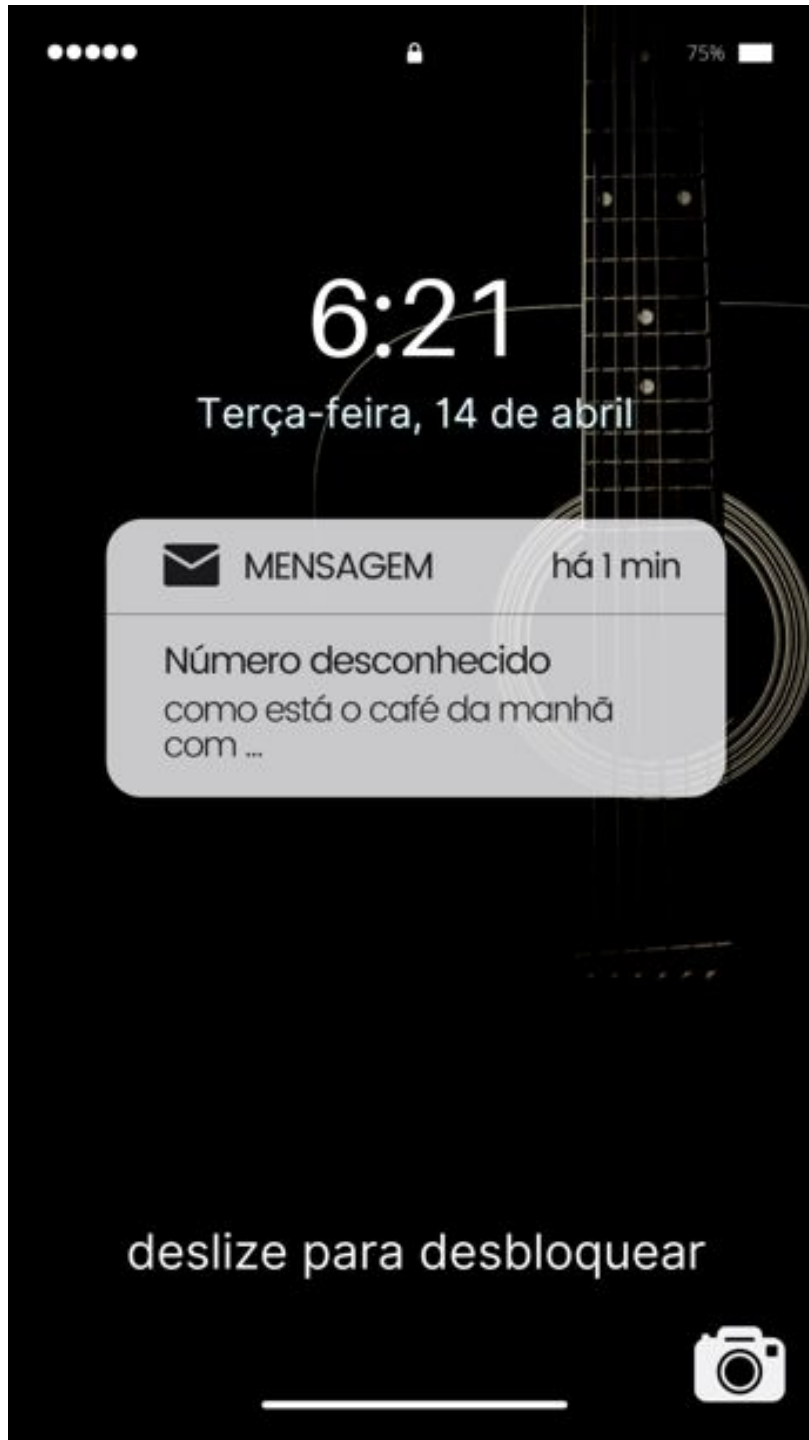
## Presente

**N**ÃO ESTOU PREPARADO PARA ESTE DIA. Não estou preparado para viver. Só queria ficar preso no quarto pelo resto do dia, da semana, do mês. Mas não posso.

Me aproximo da escada que leva ao primeiro andar. O cheiro de torradas, chá e café preenche a casa inteira. Laura e Edgar provavelmente já me esperam junto da mesa. Seguro a alça da mochila com uma mão e, com a outra, checo o Twitter atrás de alguma informação relevante sobre a noite passada. Rolo, rolo e rolo pela timeline. Tudo o que vejo são posts sobre a vitória da equipe de ginástica no campeonato interestadual e garotos do time de futebol treinando cedo pela manhã.

Nada sobre Alexis. Nada sobre um assassinato em Eastview. Bom, talvez as coisas realmente estejam melhor. Bloqueio o celular. Mas quando coloco o primeiro pé na escada, sinto a vibração de uma nova mensagem.

Checo o número e a prévia pela tela de bloqueio.

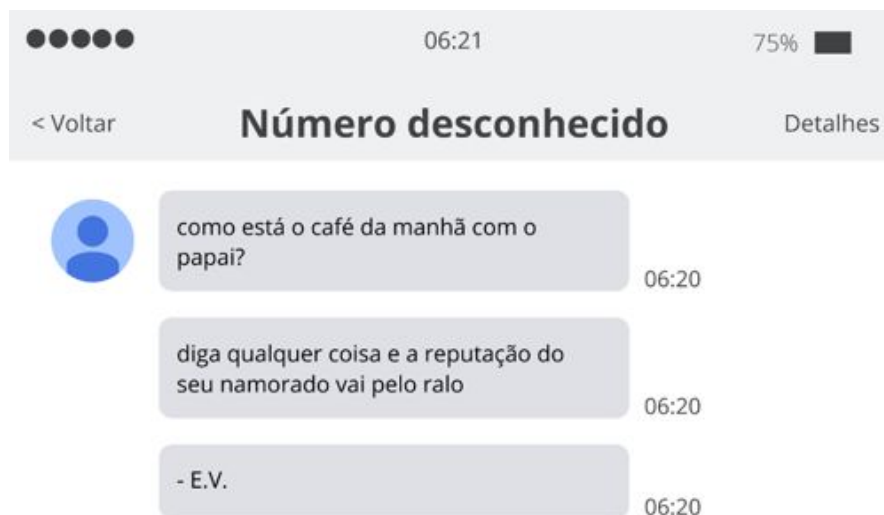


Merda. Merda. Merda.

Paro de andar, me apoio no corrimão. Logo começo a hiperventilar. Olho para baixo, para os degraus em minha frente. É ele. Eu sei que é ele. Ou ela, seja lá quem for a pessoa que tirou a vida de

Alexis ontem à noite. Mas nós não abrimos a porra da boca. O que o assassino ainda quer conosco?

Meu medo se transforma em fúria. Desbloqueio o celular novamente e cliço na mensagem.



Então é isso: chantagem. Ótimo, minha vivência no Ensino Médio já não é miserável o suficiente, agora tenho que viver com um psicopata me perseguindo. Mas por que ele está tão preocupado com a possibilidade de eu dizer algo a Edgar? Não é como se a figura encapuzada estivesse presente em nossas vidas depois da noite passada, certo?

...certo?

Olho para trás instantaneamente. Agora que pensei na possibilidade, não é possível ignorar que o assassino pode estar onde eu menos esperar. Uma brisa fria toca meu pescoço.

E se...

E se o assassino for um dos estudantes de Eastview?

Olho para a mensagem novamente. Uma coisa chama minha atenção pela primeira vez: a assinatura. *E.V.*

E.V.

E.V.

E.V.

EastView.

*Oh, porra.*

— Tommy? — Laura me chama da sala de jantar.

*Oh, porra.*

Tenho que contar a Matty que o assassino é alguém de Eastview. Ligo novamente, mas ele não atende.

— *Tommy!* — Laura insiste.

Mesmo contrariado, não tenho opção além de continuar andando e descer aqueles degraus.

— Tô descendo!

Aperto o celular entre minhas mãos e percebo que estou suando frio.



**A** COMIDA PARECE FEITA DE PAPEL E CINZAS. Me dá ânsia. Não tenho fome alguma. Tento comer um pedaço da torrada e me forço a engoli-lo. Bebo um pouco do suco de laranja, que desce com um gosto amargo. Minha mente está presa naquelas mensagens. No corpo sem vida de Alexis. Em Matty.

*Por que caralhos ele não me atende?*

— Por que chegou tarde de Eastview ontem? — Laura pergunta, mas estou distraído demais para entendê-la.

— Uh? — digo quando volto à realidade.

Ela franze o cenho. Só então percebo que estive sendo péssimo em esconder meu desconforto. Me ajeito na cadeira e puxo o prato para mais perto para fingir que tenho fome.

— Você tá bem? — ela pergunta.

A mesa de jantar é larga e espaçosa, então ao menos posso manter meu semblante abalado afastado deles. Fecho os olhos e suspiro.

— Estou, é só que esse trabalho idiota de mecânica me manteve acordado a noite inteira — minto.

Me sinto horrível. Laura e Edgar são pessoas incríveis, merecem mais de um filho do que mentiras. Apanho meu celular outra vez e



cheço as notificações. 0 mensagens. 0 chamadas de Matt.

— Posso preparar um café bem concentrado pra você levar pra escola, se precisar — minha mãe adotiva comenta com as sobrancelhas erguidas e um sorriso altruísta no rosto.

Meu estômago revira.

— Obrigado... — murmuro, e coloco o celular na mesa com a tela virada para baixo —, mas já tive a dose de cafeína necessária por hoje. Se tomar mais... — Faço uma careta, sem querer finalizar a frase.

Laura entende, e seu sorriso se entristece. Está sentada na lateral da mesa, seu lugar de sempre. Já Edgar está na ponta oposta à minha, o tablet nas mãos aberto na página de jornal qualquer. Ele abaixa o aparelho e o esquece na mesa assim que ouve minha recusa. Seu semblante está sério.

— Está usando as cápsulas de novo, não está? — Seu tom é severo.

— Eddie... — Laura tenta se intrometer sem necessidade.

Afasto de vez o prato na mesa, sequer consigo fingir que estou com fome.

— Todos usamos, Edgar — rebato, o tom exausto. Abro as notificações no celular outra vez, evitando o olhar dele. — É impossível fazer tudo o que preciso pra manter a bolsa e ter qualquer tipo de descanso.

Ele suspira e abaixa o olhar para o próprio prato.

— Eu sei... — Pausa. Toma um gole da xícara de chá. — Mas precisa mesmo aspirá-las? Sua mãe pode fazer um café bem forte pra você todas as manhãs, como ela disse.

Sinto vontade de rir — tanto da ideia de que café líquido teria o mesmo efeito que as cápsulas quanto da forma casual com que ele usou

a palavra “mãe”.

Como eu disse, eles merecem *mais*.

— Então, meu estômago não suportaria uma semana sequer — respondo com o rascunho de um sorriso no rosto. — Mas obrigado pela preocupação.

E eles parecem convencidos com aquilo.

Olho para meu celular outra vez. Decido deixar a mesa antes que acabe dando sinais demais de que há algo errado. Entreabro os lábios para me despedir, mas, neste instante, Edgar recebe uma ligação. Inspiro fundo.

— Vilarreal falando.

Checo a timeline do Twitter novamente, esperando a ligação acabar. Edgar ergue os olhos em minha direção abruptamente. Me sobressalto. *Merda*.

— Hmm...

Tento entender o que falam do outro lado da linha, mas a mesa é larga demais. Tudo o que consigo é ver a expressão assombrada de Edgar. Laura limpa a boca com um guardanapo de colo e também começa a se preocupar.

— Em Eastview?

*Oh, porra. Matty, seu filho da puta, esse seria um ótimo momento pra me ligar.*

Tento controlar minha respiração, parecer normal. Eu não deveria saber de nada, afinal de contas. Estava fazendo um trabalho de mecânica com Matt e voltei tarde pra casa, só isso. Assinto para mim mesmo.

— Sim, sim... Vou aí imediatamente — Edgar finaliza a ligação.

Coloco outro pedaço de torrada na boca e fujo de seu olhar ansioso.

— Eddie, o que aconteceu? — Laura questiona.

O policial entreabre os lábios, mas fica em silêncio por um tempo. Seu olhar parece perdido. Por fim, responde:

— Um garoto foi assassinado em Eastview.

Laura arfa e encobre a boca com uma das mãos. Os dois dirigem os olhares a mim. Sinto minha nuca queimar. Lentamente, ergo os olhos em direção a eles, fazendo meu máximo para parecer surpreso com a notícia.

— Quem? — questiono em um tom abalado.

Edgar volta a fitar o próprio prato, parece ter perdido a fome.

— Não me passaram um nome, mas estou indo pra lá agora. —  
*Merda.*

— Falaram algo sobre cancelamento das aulas? — pergunto ansioso.

— Não — responde, um pouco distante. — Você quer ficar em casa?

— Sim — falo imediatamente. Edgar assente, sem se importar muito.

Talvez eu não tenha que passar por aquele inferno, afinal. Mas meu olhar paira sobre a tela escura do celular, o silêncio de Matt me assombrando como a figura encapuzada. *Preciso* falar com ele.

— Quer dizer... não — corrijo depois de alguns segundos. — Se houver aulas, não posso perder nenhuma... por causa da bolsa — digo com uma sensação amarga na boca.

Edgar assente novamente.

— Vou te dar carona.

Ele joga o guardanapo de colo sobre a mesa, afasta a cadeira para trás e se retira. Um silêncio afiado se ergue na sala enquanto seus passos

barulhentos se afastam em direção ao quarto no terceiro andar. Ele provavelmente pegará o resto do equipamento: a arma, o colete, o boné da polícia de Eastview; e descerá em alguns minutos.

Tento me concentrar no que vou dizer quando estivermos sozinhos no carro e ele começar a fazer perguntas demais. É então que percebo que Laura ainda está em um estado de choque.

— Você tá bem? — pergunto a ela.

Ela assente e toca um dos meus braços.

— É claro, é só que... — É como se ela tivesse levado um soco na cara. Sua voz está distante. — Nunca houve um assassinato neste bairro.

— Talvez seja eu e minha má sorte — falo com um sorrisinho cínico.

A expressão de Laura se fecha ainda mais.

— Isso não é engraçado.

Nego com a cabeça.

— Desculpa.

Ela se levanta da cadeira e passa por mim em direção à cozinha.

— Vou preparar seu café pra viagem.

Me viro em sua direção.

— Mas eu não... — tento protestar, mas ela fecha a porta da cozinha atrás de si.

*Merda.*



**F** ECHO A PORTA DO LADO DO PASSAGEIRO e passo o cinto de segurança sobre o peito. Edgar faz o mesmo, o boné da polícia na cabeça, o colete escuro sobre o torso e a arma presa no coldre do cinto. Coloca a chave na ignição, e partimos em direção a Eastview em seguida. São vinte minutos a partir dali.

Observo as casas passarem ao nosso redor, o asfalto passear sob os pneus. Minha mente se desliga por um segundo. Mas então penso em Matty, e as preocupações voltam a tomar conta de mim.

— Então — Edgar quebra o silêncio quando paramos no primeiro sinal vermelho —, quem é a garota sortuda?

Pisco várias vezes.

— O quê? — falo um pouco embasbacado.

— Vamos lá... — Ele abre um sorriso sugestivo no rosto. — Sei que você não tá desse jeito por causa de... mecânica ou algo assim. Já tive a sua idade.

Uma lufada de ar escapa da minha boca, e não consigo evitar sorrir.

— Tá falando sério?

— Se você não quiser falar, tá tudo certo. — Ele faz um gesto de paz com as mãos. Então, seu rosto fica sério. — Mas se lembra de usar proteção, e que consentimento é essencial.

Arregalo os olhos. Volto a fitar a estrada à frente. O sinal abre.

— Sim, é mesmo — respondo um tanto evasivo.

Fico tão desconfortável que começo a mexer no celular, na mochila, em qualquer coisa que distraia minha atenção de Edgar. Como eu diria a ele que a garota que estava me deixando daquele jeito era o jogador de basquete mais popular de Eastview?

Reviro os olhos. Abro o porta-luvas do carro.

— Ah, não mexa nisso — Edgar tenta me impedir, mas precisa focar em um cruzamento arriscado.

Apanho um livro de bolso guardado no compartimento. O título me faz rir por dentro.

— “14 passos para uma boa convivência com seu filho adotado.”

E percebo que aquilo o deixa desconfortável. Bom. Olho por olho, dente por dente. Encaro Edgar de relance. Ele para em um novo sinal vermelho, suspira e dá leves tapinhas no volante emborrachado.

— Ninguém nasce sabendo de tudo. Laura e eu não somos diferentes.

Aperto os lábios, e concordo com a cabeça. Sou mesmo um idiota. Ao menos, ele está tentando. Isso é reconfortante, na verdade. É mais do que todos os outros pais adotivos que tive antes já fizeram. Guardo o livro de volta no porta-luvas e o fecho.

Sinto um peso nos ombros pela forma como agi no café.

— Sobre as cápsulas... — murmuro. — Posso tentar diminuir a frequência que as uso se você—

— Está tudo bem. — Ele nega com a cabeça. Faz uma nova curva. — Apenas... tome cuidado.

Cruzo os braços sobre o peito. Olho para minha mochila e penso nas dezenas de camisinhas escondidas nela.

— Sempre tomo.

Ele me lança um curto sorriso.

— Se precisar de conselhos quanto a garotas... ou qualquer outra coisa...

— Pode deixar.



**Q** **AR ESTÁ MÓRBIDO NOS CORREDORES.** As pessoas conversam em um tom mais baixo do que o normal. Não há bagunça, correria, ou qualquer tipo de alvoroço. Olho para os lados. Algumas pessoas choram. Outras sussurram que querem desesperadamente saírem dali. Há ansiedade e tristeza espalhadas no rosto de todos.

Caminho pelos corredores com um peso enorme na nuca. De certa forma, sinto como se eu também tivesse ajudado a matar Alexis. Olho para as palmas de minhas mãos: estão manchadas de sangue por um segundo. Pisco. O sangue desaparece.

Inspiro fundo. Aperto a alça da mochila nas costas.

Quando mais próximo chego do laboratório de biologia, mais aglomeradas estão as pessoas. Tenho dúvidas se quero me aproximar demais.

Porém, à frente da multidão, vejo a nuca de Matty. Sinto alívio e raiva ao mesmo tempo. Me esgueiro e empurro vários uniformes azuis do caminho até chegar à frente do corredor do laboratório, ao lado do garoto por quem eu mantinha tudo aquilo em segredo.

A polícia interditou o corredor inteiro com fitas amarelas e pretas. Há policiais e detetives em todas as salas investigando cada



centímetro do prédio.

Matty me olha de relance, mas não diz nada. Seus olhos estão concentrados na porta fechada do laboratório. Através da janela, vejo policiais e investigadores discutindo e observando o local.

Engulo em seco e aperto um pouco mais a alça da mochila. Se Matt não vai falar, então eu vou.

— Como você tá? — sussurro.

Ao nosso redor, as pessoas parecem distraídas demais com seus próprios murmúrios para prestar atenção em nós. Matty continua em silêncio por alguns segundos até dizer:

— Eles acham que foi suicídio.

— Suicídio?

Meu cenho se franze. Forço o olhar em direção às janelas do laboratório, mas não consigo identificar nada de útil. Me aproximo mais de Matt. Ele sussurra em um tom ainda mais baixo:

— Encontraram Alexis pendurado por uma corda no pescoço, estrangulado. — E, de forma quase macabra, um sorriso se abre em seu rosto. — Eu disse que tudo estaria melhor pela manhã.

Perco o ar, confuso.

— Melhor?

— Ninguém sabe que ele foi assassinado, Tommy — completa em um tom firme. Sinto meus joelhos enfraquecerem novamente, não consigo fixar seu rosto por muito tempo. Saio às pressas dali, empurrando qualquer um que esteja em meu caminho. — Tommy?

Me afasto daquele corredor até achar uma janela aberta. Coloco minha cabeça para fora do prédio e fecho os olhos. Respiro ar puro. Tento me acalmar.

— Tomas — ele se aproxima outra vez. O corredor onde estamos está vazio, então ele aproveita para colocar uma mão no espaço entre minhas escápulas.

Me afasto bruscamente.

— Como você pôde... — vocífero, mas me perco em minhas próprias palavras. — Como pôde dizer essas coisas?

Mas ele não diz nada. Em vez disso, parece ficar irritado com minha reação e dá alguns passos para trás.

— Sinto muito, Tom — diz em um tom frio —, mas é melhor assim.

Matt vira as costas para mim. Em seguida, caminha para fora do corredor e me deixa sozinho. Como sempre fez. Como sempre vai fazer.

Agora tenho um psicopata atrás de mim. Um psicopata que sabe meu número, onde e com quem moro. Um psicopata que matou um aluno, que fez com que parecesse suicídio. Olho ao redor no corredor vazio, tentando colocar as peças do quebra-cabeça no lugar. Quem era aquela pessoa? Por quanto tempo continuaria me atormentando?

E a pergunta mais importante... Posso mesmo confiar em Matt?

## FIM DO LIVRO UM



Leia a sequência:

GAROTOS  
MORTOS  
NÃO CONTAM  
MENTIRAS

em SETEMBRO

GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM SEGREDOS  
LIVRO 2



GAROTOS  
MORTOS



NÃO CONTAM



MENTIRAS



Mark Miller

Edgar

**D**IRIGIR E LER AO MESMO TEMPO é mais difícil do que parece. Devia haver um curso pra ensinar esse tipo de coisa. Paro no sinal vermelho, e tenho alguns segundos pra ler a passagem aberta no meu colo.

que temos com eles, assim, temos que oferecer o melhor de nós a esse respeito.

Cuidar de um filho adotivo não é fácil, e poucos irão compreender os problemas que você enfrentará nessa jornada.

Você pode pensar: tudo vai ficar bem desde que eu

O sinal abre. Tenho que focar nas ruas novamente.

Quando a mãe de Laura me deu aquele livro, não imaginei que seria tão útil. Mas também não imaginei que adotar um filho fosse ser tão complicado, outra coisa que as pessoas fazem parecer mais fácil do que é na prática.

Cruzo uma esquina e me deparo com outro sinal fechado. Ótimo. Curvo a nuca em direção ao livro.

... não compreender os problemas que você enfrentará  
nessa jornada.

Você pode pensar: tudo vai ficar bem desde que eu  
ame essa criança. Mas nem sempre isso é verdade.

Filhos adotivos adolescentes vêm com sua própria

Reflito um pouco: Tommy é mesmo mais fechado do que imaginamos que seria, mesmo que Laura e eu tentemos nosso melhor o tempo todo pra entender mais sobre ele. Sempre fica na defensiva quando se trata de conversar sobre garotas, e as cápsulas de caféina.... Bem, as cápsulas são uma história à parte. Leio a próxima linha na página.

ame essa criança. Mas nem sempre isso é verdade.

Filhos adotivos adolescentes vêm com sua própria  
carga de... desafios.

Um desses desafios pode ser por conta de terem  
sofrido traumas no passado. Traumas dos quais não se

De fato vêm.

O sinal abre novamente. Toco o volante emborrachado e piso de leve no acelerador. O carro não arranca a mais de 30km/h; as ruas mais próximas da delegacia de Eastview são pouco agitadas. Ergo o livro na altura dos olhos, pois a linha seguinte me chama a atenção:

carga de... desafios.

Um desses desafios pode ser por conta de terem  
sofrido traumas no passado. Traumas dos quais não se  
sentem confortáveis em falar, ou não sabem como fazê-  
lo.

É comum casais que desejam adotar uma criança

Pego meu marcador de texto amarelo largado no painel e destaco a passagem: talvez seja esse o problema de Tommy. De qualquer forma, ele vai se abrir conosco quando for o tempo certo. Estamos com ele há poucos meses, mas não tem dúvida alguma em meu peito de que adotá-lo foi a melhor decisão que Laura e eu já tomamos. Um sorriso se abre em meu rosto.

Paro em frente à delegacia. Desligo as engrenagens, pego meu revólver e o acoplo no coldre do cinto. Apanho alguns relatórios que preparei durante o fim de semana e saio do carro.

Ser policial em Eastview é como ser um policial em uma cidade pequena: todo mundo conhece você e coloca em seus ombros o peso de resolver até as mínimas inconveniências. Ainda assim, amo meu trabalho. Amo a equipe com a qual trabalho. Amo esse bairro.

O problema é que nunca tivemos uma situação como essa antes. Nunca antes um crime desses foi cometido em Eastview, menos ainda um suicídio tão suspeito. Tenho a sensação de que algo bastante perigoso está acontecendo, o que pode arruinar a paz deste bairro. Isso não posso deixar acontecer.

Entro na delegacia. Sou recepcionado pela visão de sempre: meu parceiro, Eduardo Scooper, sentado em sua mesa ao lado da minha, um copo largo e borbulhante de café preto nas mãos, um sorriso torto no rosto de mandíbula bem definida e as insígnias douradas presas no peito do uniforme amarronzado.

— Bom dia, Vilarreal — cumprimenta.

Passo direto por ele e me aproximo da cafeteira. Sirvo um copo grande de café para mim.

— Acordou de bom humor, Scooper? — respondo em um tom alto para sinalizar minha presença para o resto da equipe.

— O de sempre — ele dá um gole em seu café.

Chris sai de sua sala no corredor ao lado e se aproxima.

— Novidades sobre o garoto suicida? — Entrego a ela meus relatórios e me recosto sobre o balcão onde fica a cafeteira.

— Analisamos todos os pertences dele — ela diz com os olhos nas folhas em suas mãos —, em casa e na escola.

Chris dá um aceno sutil quando termina de ler os relatórios. O óculos pequeno e escuro parece imóvel em seu rosto, os fios escuros na altura dos ombros são perfeitamente alinhados.

Do corredor à minha esquerda, Samara, outra policial investigativa, aparece e caminha até mim trazendo uma pasta escura nas mãos. Ela me cumprimenta em silêncio com o queixo e me passa a pasta.

— O que é isso? — Abro e vasculho o conteúdo de seu interior.

— Fotos do armário — ela responde enquanto pego uma das fotos e analiso. — Está vazio.

Meu cenho se franze. Procuo alguma coisa incomum nas fotos, mas não acho nada. Parecem fotos ordinárias de um armário vazio.

— E isso é importante por...? — Ergo uma sobrancelha.

— Não estava vazio antes do acontecido. — Samara diz e estende o próprio celular até mim. Na tela, vejo uma foto do garoto ainda vivo junto de seu melhor amigo, ambos na frente do armário aberto, que tem seu interior repleto de materiais de estudo e objetos seus.

Observo a foto do celular, e então as fotos físicas da pasta.

— Foi roubado?

Samara dá de ombros e recolhe o celular. Fecho a pasta.



— Ou esvaziado pela vítima por alguma razão. — Ela senta em uma cadeira próxima de Scooper.

Meu parceiro ajeita sua postura antes de dizer:

— Interrogamos a família, amigos próximos, colegas distantes. — Suspira. — Não encontramos nada que indicasse que ele estava planejando suicídio. Nenhum histórico de transtornos psicológicos na família, nenhum comportamento suspeito, nenhuma fala duvidosa. — Cruzo os braços sobre o peito. Minha intuição de que algo bastante errado está acontecendo em Eastview se acentua. — Os pais disseram que o dia da morte foi apenas um dia normal... até notarem a ausência do filho à noite.

Movo a mandíbula de um lado para o outro pensando nisso. Abandono a pasta com as fotos do armário, dou um gole longo no meu copo de café. A sensação fervente e amarga me deixa um pouco mais desperto.

— Mesmo que ele quisesse se suicidar... — murmuro para meus três companheiros de delegacia —, por que na escola?

— Pra chamar atenção? — Chris sugere em tom despreocupado.

— De quem, exatamente? — Scooper rebate. — Ninguém na escola tinha qualquer tipo de coisa contra ele, Eddie. — Me fita brevemente.

Encaro a porta fechada da delegacia, me lembrando do que investiguei na cena do crime e descrevi em detalhes nos relatórios que seriam enviados às instâncias superiores da Polícia Federal mais tarde.

— A traqueia dele estava quebrada? — Chris pergunta.

— Sim — respondo, um pouco frio, um pouco ríspido.

Um silêncio estático se ergue entre nós. Um silêncio que, quando quebrado, significará o fim da paz neste bairro. Então que eu o faça.

— Esse garoto não se matou, não foi? — pergunto em um tom mais baixo.

É uma pergunta retórica, mas Samara a responde de qualquer forma:

— Não.

— Porra — murmuro, e esfrego os olhos. Penso em todas as pessoas que conheço e que agora estão em perigo. Penso em Laura. Penso em Tommy.

— Um assassino em Eastview — Scooper comenta em um tom jocoso e ansioso. — Essa é nova.

— Devemos mesmo envolver as autoridades de São Paulo? — Chris pergunta com certa relutância, a nuca curvada em direção aos relatórios em suas mãos.

Todos sabemos a resposta para aquilo.

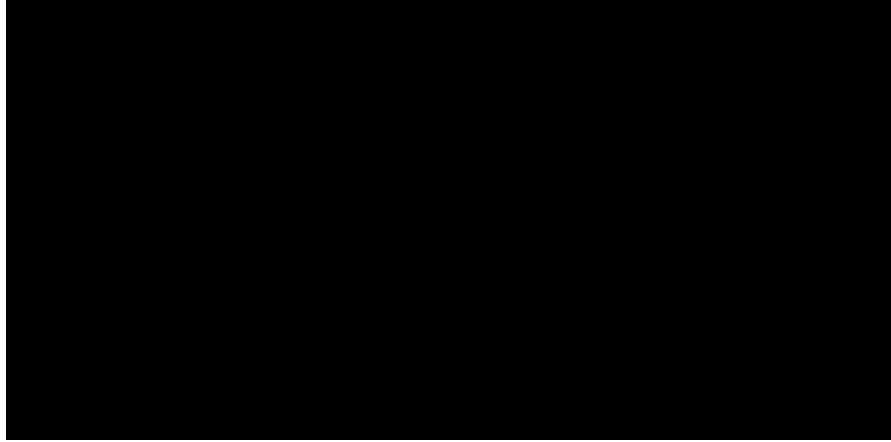
— Não. — Apanho as folhas de suas mãos. Caminho até a máquina de cortar papel no espaço entre minha mesa e a de Scooper e retallo os relatórios que escrevi. — Nada disso pode sair de Eastview. — Comento em um tom sombrio quando o último pedaço de papel se fragmenta.

Retiro o canivete que guardo no cinto e passo a lâmina afiada sobre a palma da minha mão direita. Pele e carne se rompem. Um filete delicado e rubro de sangue escorre.

Estendo o canivete a Scooper.

X	X	Ø
X	Ø	X
Ø	X	X

**LEIA A SEQUÊNCIA ELETRIZANTE AGORA**



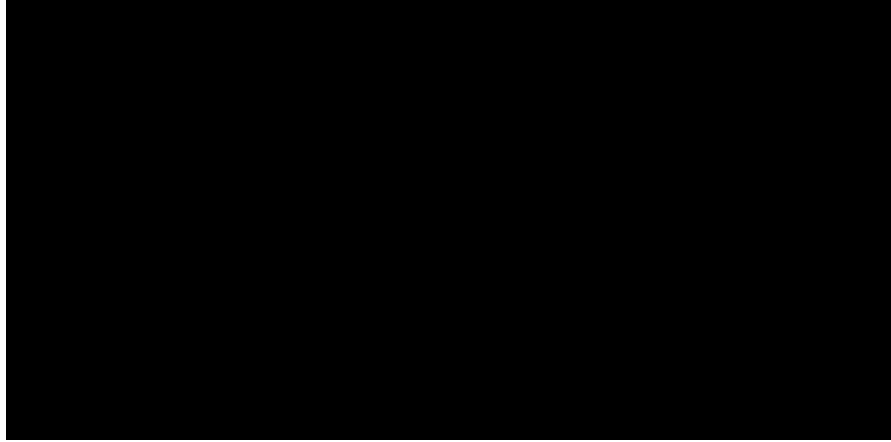
**ANIMADES PRO COMEÇO DO SEMESTRE?** Sei que eu estou ;)

Muito obrigado a todas as pessoas incríveis que trabalharam comigo nesse livro. Muito obrigado a Brendon pelo trabalho de edição incrível que me fez perceber e trabalhar em muitas coisas (não apenas condizentes à história, mas como a minha própria vida também hehehe). Obrigado por revisar esse livro e por apontar a ironia da entrada no armário de Tommy enquanto está fugindo do assassino.

Aos meus parceiros desde ADF (Naty, Bruno e Senara), muito obrigado por seguirem trabalhando comigo aqui e por ajudarem a tornar este texto melhor, tanto narrativa quanto esteticamente. Vocês são os maiores.

E aos meus leitores maravilhosos (que seguiram do Fronteiraverso ou que acabaram caindo de paraquedas aqui), obrigado por confiarem e apoiarem meu trabalho. O carinho de vocês é como um combustível que me impulsiona a criar mais histórias como essa, e me estimula a seguir me desafiando, tanto como criador quanto pessoa.

Reencontro todes em setembro para seguirmos Tommy e Matt nessa nova etapa macabra de suas vidas. E lembrem-se: nunca confiem em garotos populares... especialmente quando estão mortos.



**MARK MILLER É ESCRITOR PELA MANHÃ**, estudante de medicina pela tarde, e leitor voraz pela noite. Nasceu na região norte do Brasil, mas mudou-se para São Paulo aos 14 anos de idade.

É uma pessoa de hábitos noturnos, o que talvez explique sua obsessão por café. Não gosta de climas muito quentes, ou muito frios, adora conhecer a cultura de outros países e ama gatos.

Escreve pelo simples desejo de ver mais representatividade em histórias usualmente dominadas pelo imaginário heteronormativo, buscando leitores que, como ele, desejam ver mais personagens LGBTQ+ em posições de protagonismo.

Conecte-se com Mark no:

Twitter: [@markmillerbooks](https://twitter.com/markmillerbooks)

Instagram: [@markmillerbooks](https://www.instagram.com/markmillerbooks)